



4. TELESUR: TELEVISÃO E COMUNIDADE IMAGINADA LATINO-AMERICANA

SESSÃO - 02

*Davi Lopes Gentilli**
*Vitor Taveira Rocha***

Resumo

O trabalho tem como base o contexto que leva à criação da rede de televisão multi-estatal Telesur, idealizada pelo governo venezuelano em associação com outros países latino-americanos. Analisa-se a conjuntura política pós-neoliberal, na qual emergem governos progressistas que encontram forte oposição dos mass media. O espaço midiático torna-se um importante palco da disputa pela hegemonia nas sociedades contemporâneas e os novos governos buscam consolidar meios estatais, públicos e comunitários de comunicação para contrapor a mídia comercial. Ao observar a bandeira do bolivarianismo defendido pelo governo da Venezuela e o contexto político-econômico mundial que aponta para a intensificação das integrações regionais, o estudo busca como base teórica o historiador Benedict Anderson para analisar, a partir do caso da Telesur, o papel da mídia como formadora de uma comunidade imaginada pluri-nacional latino-americana.

Palavras-chave: Televisão; bolivarianismo; identidade; globalização; hegemonia

Resumen

El trabajo tiene como *básis* el contexto que lleva a la creación de la red de televisión multiestatal Telesur, bajo el liderazgo del gobierno venezolano en asociación con otros países latinoamericanos. Analizase la conyuntura política postneoliberal, en la cual son electos nuevos gobiernos progresistas que sufren fuerte oposición de los mass media. El espacio de los medios de comunicación conviértese en un importante escenario de la disputa de hegemonia en las sociedades contemporâneas y los nuevos gobiernos buscan consolidar medios estatales, públicos y comunitários para hacer la contraposición a la prensa comercial. Al observar los ideales del bolivarianismo defendido por el gobierno de Venezuela y el contexto político y económico mundial que apunta hacia la intensificación de las integraciones regionales, el estudio busca como *básis* teórica el historiador Benedict Anderson para analizar, en vistas del caso de Telesur, el papel de los medios de comunicación en la formación de una comunidad imaginada plurinacional latinoamericana.

Palabras clave: Televisión; bolivarianismo; identidad; globalización; hegemonía

* Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo

** Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo



Introdução

Este trabalho se dedica a estudar o processo de integração regional por meio da plataforma midiática a partir da experiência de criação da Telesur, emissora multi-estatal que reúne países latino-americanos em torno da proposta de fazer uma televisão voltada para o fortalecimento da identidade regional e divulgação de informação contra-hegemônica em relação ao que é transmitido na mídia privada.

O estudo se concentrará, sobretudo, nos países latino-americanos de colonização espanhola, pois estes foram destacados nas referências que buscamos sobre a constituição das nações e nacionalismos e também porque os membros-associados da emissora televisiva foram colônias espanholas.

Inicialmente, abordaremos os conceitos de identidade e de comunidades imaginadas, partindo principalmente da elaboração teórica de Benedict Anderson. Também buscaremos analisar brevemente conjuntura geopolítica atual e a importância dos meios de comunicação nesse contexto.

1. Identidade e Comunidades Imaginadas

De acordo com o pensamento de Ana Lucia S. Enne, a *identidade* não se

constitui na esfera do indivíduo, senão que uma mediação entre o coletivo e o individual. A *identidade*, portanto, só se constrói na relação com o *outro*. Logo, embora a *identidade* trate de uma particularidade, algo que diferencia, também diz respeito a algo que assemelha. Segundo a autora: “é [...] uma categoria transitiva, que implica em relação de semelhança e concomitantemente de diferença” (ENNE, 2004. p. 8).

Também é preciso esclarecer que a identidade, por sua relação direta com o fator coletivo, não é estável, podendo ser mudada de acordo com as transformações da sociedade.

Em seus estudos sobre nacionalismo, Anderson (1989. p.14) define a nação como uma “comunidade política imaginada como inerentemente limitada e soberana”. A palavra *imaginada* se refere ao fato de que os membros dessa *comunidade* – no caso, o Estado-nação – conquanto não conheçam a grande maioria de seus compatriotas, compartilham um sentimento de identidade, de pertencimento a um determinado grupo social com o qual possui valores e memória coletiva comuns. A nação é *limitada* porque todas reconhecem não serem as únicas e nenhuma pretende abarcar toda a humanidade. É *soberana* por contraposição a legitimidade dos reinos dinásticos, postos em cheque pelo Iluminismo no período em que a idéia de nação surgia.





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

E a nação é imaginada como *comunidade*, pois o conceito agrupa populações desconsiderando as classes, as desigualdades e a exploração existentes dentro delas.

As formas de constituição de comunidades variam de acordo com o momento histórico. Na Europa, antes das revoluções nacionalistas de 1848, as religiões eram mais importantes que as línguas do ponto de vista político. Algumas religiões eram proibidas nos países. Já a língua, era um assunto de escolha e conveniência pessoal. Depois dos movimentos nacionalistas em todo o continente, a situação se reverte. Os territórios passam a ser demarcados claramente por zonas lingüísticas e a religião torna-se escolha pessoal.

A unificação lingüística, a publicação de livros e, posteriormente, o surgimento da imprensa possibilitaram a consolidação de um modelo moderno de comunidade nacional, na qual os indivíduos de um determinado território compartilhavam das mesmas informações. Anderson destaca que o desenvolvimento tecnológico que trouxe o advento do rádio e da televisão amplia a influência da mídia ao conseguir abarcar um número maior de cidadãos, inclusive a população analfabeta.

2. A Constituição do nacionalismo na América Hispânica

Em geral, o processo de independência política dos países da América Latina foi levado a cabo pela elite branca descendente de espanhóis, mas nascida na América, os chamados crioulos¹. Eles ocupavam cargos administrativos, porém quase sempre submetidos ao poder colonial, exercido pela Espanha. O processo teve muito a ver com o surgimento das identidades nacionais entre essa classe na região.

Na América Latina moderna, a língua e a religião foram fatores herdados – e impostos – pelo modelo de dominação colonial, tendo papel diferenciado na constituição das comunidades em relação à Europa. O sentimento de nacionalismo latino-americano emerge mais cedo e anteriormente ao surgimento dos Estados-nação, ao contrário do que ocorre no continente europeu, em que os Estados que impulsionam o sentimento de nacionalismo.

Uma característica das nações americanas que surgiram ao longo do século XIX é que adotaram precisamente o mesmo território das unidades administrativas criadas pela Espanha antes mesmo de uma presença massiva dos espanhóis e que pouco ou nada tinham a ver com os territórios dos povos originários. As políticas adotadas por Madri





tornaram as colônias zonas econômicas separadas. Essas colônias eram proibidas de comercializar entre si, estando limitadas a comercializar com a Espanha.

O sentimento nacional despontaria à medida que se acirravam as contradições político-econômicas na colônia, a partir da intensificação do controle e da exploração colonial e da chegada das idéias iluministas ao continente americano a partir da segunda metade do século XVIII.

3. A mídia e a identidade nacional

Com a explosão das gráficas na Europa, os jornais passam a ter grande circulação entre as classes letradas. O que Anderson assinala é que os jornais trazem notícias de diferentes lugares reunidas em uma edição marcada por uma data e que se torna obsoleta no dia seguinte. Seus leitores compreendem então a simultaneidade de uma série de acontecimentos no “tempo homogêneo vazio” assim como também compreende que, simultaneamente a ele, milhares de outras pessoas que ele mesmo desconhece estão compartilhando da leitura do mesmo jornal. Anderson localiza os jornais como importantes fatores para o surgimento das nações na Europa porque além de trazerem essa nova concepção de tempo, também agregam uma vasta população de leitores de uma determinada língua.

Eric Hobsbawm, (apud PAMPLONA, 2000) identifica três momentos dos nacionalismos. O primeiro, no século XVIII, no período das revoluções francesa e americana, correspondente à constituição de “comunidade de espíritos irmanados”, tendo em sua vanguarda pintores e escritores que promoveram a organização de símbolos que denotassem a nação, num processo denominado de “invenção de tradições”. O segundo momento, ao longo do século XIX, já com os Estados-nação consolidados, quando ganha um caráter mais político, de construção desses Estados nacionais. O terceiro momento, iniciado ao fim do século XIX, foi o momento em que a presença da tecnologia dos meios de comunicação de massa se fez presente, generalizando o pensamento nacionalista a ponto de, em alguns casos, ser confundido com a cultura política dos Estados.

4. Novos governos e estratégia de comunicação

O processo acelerado de neoliberalismo nos anos 80 e 90 causou reações em diversos países latino-americanos, seja no âmbito eleitoral, seja na movimentação civil. A partir de movimentos políticos contestatórios, da insatisfação popular e da descrença nos atores políticos tradicionais, muitos países elegeram governos com orientação de esquerda e críticos aos efeitos do neoliberalismo em fins dos anos 90 e nos anos 2000. (PE-





TRAS, 1999)

Diante dessas mudanças no espectro da região nos últimos anos, os novos governos são críticos aos processos de privatizações neoliberais e defensores de maior intervencionismo do Estado nos setores estratégicos. A comunicação não poderia deixar de ser considerada nesses projetos, dada sua importância tanto para furar o bloqueio da mídia privada conservadora, geralmente contrária aos governos de orientação de esquerda, quanto para ampliar o acesso da população ao debate democrático e à diversidade cultural. Dênis de Moraes explica:

A comunicação tem importância estratégica no processo de transformação na América Latina. Trata-se de um campo de luta entre diferentes propostas hegemônicas, no quadro geral dos embates políticos e culturais que têm origem na totalidade social. É na arena da comunicação que se trava, neste momento, uma das mais renhidas batalhas pelo controle do imaginário social na região. (MORAES, 2009c)

Dessa maneira, alguns dos governos de países latino-americanos, especialmente os com mais forte cunho nacionalista (Venezuela, Bolívia, Equador), apontam para o objetivo de reverter a situação de submissão econômica e também a dependência cultural da região. A partir do aumento da capacidade investidora do Estado – principalmente através da retomada do controle sobre os recursos naturais² – e dessa nova concepção da comunicação e da democracia, a TV

pública e estatal pode ser mais valorizada, exemplo claro é nosso próprio objeto de estudo, a Telesur.

Para entender o contexto de criação dessa nova televisão continental é preciso compreender o processo político venezuelano iniciado com a eleição de Hugo Chávez à presidência em 1998. De militar desconhecido, Chávez tornou-se figura pública após uma aparição de alguns minutos depois de uma malograda tentativa de golpe de estado em 1992.

Ironicamente, um outro golpe o tiraria do poder por 48 horas em 2002. Durante o período que precedeu e sucedeu o golpe, a mídia privada, em especial a televisão, deu ampla cobertura ao vivo dos acontecimentos e o sinal da TV estatal foi cortado. As emissoras sustentaram a falsa tese dos golpistas de que o presidente havia renunciado. Segundo Marinoni (2004, p. 32), “a queda de Chávez representou um conflito político de novo tipo, um golpe midiático.”³ A situação de constante oposição da mídia privada, desinformação e interesses comerciais alinhados às linhas editoriais, deixou claro a Chávez e outros governos do continente a necessidade de criação e fortalecimento dos meios de comunicação públicos e estatais como forma de furar o bloqueio midiático do modelo comercial.

A Telesur reflete essa necessidade de produção de informação contra-he-





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

gemônica e ao mesmo tempo em que atende no campo midiático ao projeto de integração continental do denominado Bolivarianismo, proposto por Hugo Chávez.

5. A Telesur

A *Televisión del Sur* –Telesur foi inaugurada em 24 de julho de 2005, dia em que se comemorava o aniversário de nascimento de Simon Bolívar. Trata-se de uma emissora multi-estatal, sem fins-lucrativos, sediada em Caracas que inicialmente estava dividida entre os governos da Venezuela – 51% –, Argentina – 20% –, Cuba – 19% – e Uruguai – 10%. Posteriormente, aderiram a Bolívia em 2006, a Nicarágua e o Equador em 2007, comprando cotas do controle acionário dos membros-fundadores. A emissora é sediada em Caracas, possui sucursais em diversos países da América Latina e nos Estados Unidos, em cidades como Bogotá, Brasília, Buenos Aires, Cidade do México, Havana, Porto Príncipe, La Paz e Washington, além de colaboradores em outros países da região.

Com objetivo de ampliar as possibilidades de transmissão, a Telesur informa em seu site que possui sinal aberto, ou seja, pode ser retransmitida gratuitamente por emissoras sem fins-lucrativos de diversos países dentro e fora da América Latina e busca acordos com canais comunitários para difundir parte de sua

programação. O sinal está disponível para toda América Latina e boa parte da América do Norte e Europa e ainda para um pedaço do norte da África. No Brasil, alguns de seus programas são retransmitidos pela TV Cidade Livre de Brasília, TV Educativa do Paraná e TV Comunitária do Rio de Janeiro. Essas parcerias permitem uma maior difusão do conteúdo do canal, de forma que não tenha que entrar no mercado de televisões a cabo, o que exigira um investimento muito elevado.

Também é possível assistir gratuitamente a programação completa e simultânea da televisora através do sítio na Internet, que inclusive disponibiliza a versão em português do principal telejornal da emissora.

6. Anti-colonialismo e integração

Pode-se entender comunidades políticas e imaginadas como regiões nas quais os habitantes não se conhecem, mas compartilham valores comuns. A Telesur pretende utilizar a esfera televisiva para promover o resgate e a ativação de uma memória histórica que possa ser compartilhada pelos povos latino-americanos (TELESUR. Acesso em: 05 mai. 2008). Como exemplo está o destaque que é dado pela emissora em lembrar a história de vida de líderes marcados pelas idéias e militância em prol da integração do continente. Por exemplo, em junho de 2008 foram feitos matérias e programas





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

especiais sobre o centenário e 80º aniversário de nascimento do ex-presidente do Chile Salvador Allende e do guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara, respectivamente.

Anderson ressalta que as nações são, sobretudo, uma invenção política. Não que não haja costumes, valores e crenças comuns entre habitantes de determinadas regiões, mas quem define a amplitude e os limites de cada região é o Estado e dentro desse território determinado há forte atuação de aparelhos ideológicos como a escola e a mídia.

O autor destaca que as comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade ou legitimidade e sim pelo estilo como são imaginadas. O bolivarianismo chavista apresenta-se como uma orientação ideológica que visa a ampliar a visão dos países do nacionalismo para um contexto mais amplo da América Latina. Para isso é fundamental apresentar parte dessa história, dos personagens, da cultura e dos valores que se considera comum a toda essa região. De certa forma, “inventa” uma região, que se forma não só por seus valores comuns como também como contraposição aos outros países e blocos.

No contexto de reação às ofensivas expansionista do capital, por meio da globalização neoliberal, o bolivarianismo relaciona-se muito com o sentimento na-

cionalista por também evocar a cultura, a diversidade dos povos da região, a identidade da América Latina em resistência às fontes imperialistas de poder. Por partir desse princípio, o bolivarianismo associa as semelhanças da matriz cultural das nações com as semelhanças nos modelos de exploração econômica que essas sofreram ao longo de suas histórias como princípio agregador. O anti-imperialismo serve como um fator agregador ideológico, assim como serviu o anti-colonialismo no período das lutas pela independência. Promove o sentimento de que todo o continente possui um passado comum de exploração, além de um período de libertação em comum.

Também no contexto contemporâneo, destacada a relevância dos meios de comunicação, em especial a televisão na América Latina, essa também não poderia ficar de fora do processo. Considerando-se a importância que as mídias de massas têm como espaço de debate público, o modelo de propriedade dos meios de comunicação e a política de veiculação de informações por esses meios também estão em disputa. O ideário bolivariano também agrega a transformação nas comunicações em seu projeto transformador.

7. Televisão e integração

Com as vias de comunicação muito mais dinâmicas de hoje, a televisão





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

ainda se destaca como o principal veículo de mídia numa região de baixa escolaridade e grande exclusão digital como a América Latina. Benedict Anderson (1989) considera que as transmissões de rádio e TV representam uma grande expansão do potencial da mídia para construir as comunidades imaginadas, já que possibilitam a inclusão de analfabetos e populações com línguas maternas diversas. Nos dias de hoje, os satélites transcontinentais e o acesso à programação diretamente pela Internet permitem que a transmissão do canal possa expandir as fronteiras físicas e políticas da América Latina e encontrar tanto estrangeiros em sintonia com a visão da emissora quanto a numerosa população latino-americana que vive em outros países.

Assim como Anderson falava que, entre as colônias da Espanha na América, a comunicação e as viagens colônia-metrópole era mais fácil que a colônia-colônia e que comercializar entre as colônias só era possível se intermediado pelos portos espanhóis, podemos notar que a circulação de informações entre as nações latino-americanas no mundo contemporâneo também se dá mediado por agências estrangeiras. O centro sistematizador de informações internacionais que circulam entre nós está em outras latitudes. Ou seja, muitas vezes, para conhecer nosso próprio continente, temos que recorrer a empresas estrangeiras que vêm até aqui, extraem seu produto lucra-

tivo a partir de nossa “matéria-prima” e nos vende novamente um produto elaborado. Repete-se o modelo colônia-metrópole-colônia e continuamos por não nos comunicamos entre nós mesmos.

A Telesur tenta, então, com a proposta de servir de veículo integrador de comunicação, romper com essa lógica midiática. Opõe-se na linha editorial à grande maioria das redes privadas nacionais e estrangeiras e difere-se das demais redes públicas e estatais do continente por sua forma de propriedade, pertencente a vários Estados.

O canal é fruto desse processo político crítico ao neoliberalismo e defensor dos ideais de integração latino-americana e, a partir do momento em que inicia suas transmissões passa a ser também constituinte dele, pois representa um dos setores fundamentais numa proposta de cooperação entre nações: a mídia.

A análise do canal também é difícil, pois se trata de um veículo bastante recente e ainda em construção. Os desafios são vários como buscar a sustentabilidade e garantir o caráter público da emissora, tanto na questão de financiamento quanto da independência da informação. O diretor da emissora Jorge Botero (c2005) defendeu para a TV o lema: “independente sempre, neutra jamais”. De fato, a Telesur, que tem como carro-chefe o jornalismo, deixa bem





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

explícita sua linha editorial, sintonizada com os governos que a apóiam. Mas, por enquanto, parece mais relevante a discussão sobre a postura informativa contra-hegemônica do canal do que propriamente da independência ou não em relação aos governos.

A Telesur representa um projeto político e midiático ousado e pioneiro na América Latina. Contudo, ainda apresenta-se apenas como uma alternativa modesta perante a ampla hegemonia da grande mídia empresarial e todos os problemas decorrentes disso, como já foi explicitado nesse trabalho.

Dada a diversidade cultural da região, o grande desafio é como apresentá-la de forma abrangente e não homogeneizadora com o objetivo de respeitar e valorizar as diferenças locais ao mesmo tempo em que promova a integração das populações.

A emissora representa uma oportunidade de constituir um espaço de debate público comum no continente. Lá, podem-se encontrar os pensamentos favoráveis à integração latino-americana, debater os temas relevantes para a região de forma aprofundada e contextualizada e apresentar os pontos de vista geralmente ignorados pela mídia comercial. A Telesur surge num momento de valorização da importância da televisão não-comercial em diversos países, na

maioria dos quais os governos sofreram fortes ataques da imprensa conservadora. Enquanto alguns países – como o Brasil – vão engatinhando na produção de uma televisão pública diferenciada e tentando acostumar a população a um padrão televisivo distinto, a Telesur já surge propondo romper as fronteiras nacionais e oferecer um espaço para quem quer conhecer melhor as culturas que o rodeia e, principalmente, pra quem busca um jornalismo diferenciado do que é habitual na televisão privada.

A emissora, contudo, tem um caminho duvidoso pela frente. Assim como toda a esquerda contemporânea, o ideário bolivariano segue sem um programa muito claro, Tateando, às tentativas, no escuro. O futuro da Telesur é tão incerto como os rumos da política latino-americana, visto que por seu caráter multi-estatal ela depende não só de um, mas da vontade política de vários governos que estão no poder e dos que sairão vitoriosos em eleições futuras.

O que parece interessante observar é que se a integração continental já é uma tendência político-econômica na geografia mundial, a mídia e - destacadamente a televisão, nosso objeto de estudo - tendem a cumprir um importante papel no processo de integração cultural e informativa desses novos blocos continentais.





Conclusão

O nacionalismo na América Latina surgiu relacionado com a resistência a dominação estrangeira. O bolivarianismo, por sua vez, retoma esse princípio, dessa vez relacionando-o com a resistência ao imperialismo neoliberal a partir da integração continental.

Em nossa análise, concluímos que a Telesur se inclui dentro de um projeto político de construção de uma comunidade imaginada latino-americana, valendo-se do principal meio de comunicação do continente – a televisão – para promover a história, a memória e oferecer uma cobertura e análise dos fatos que permita um reconhecimento comum entre os diferentes cidadãos da América Latina.

Ainda que encontre problemas para divulgar sua programação, a Telesur representa um importante avanço no processo político que tem em vista a integração latino-americana e possui apoio de vários governos nacionais. Está, portanto, sujeita às mudanças ou continuidades de governos e políticas que possam ocorrer nos próximos anos.

Referências bibliográficas

- A revolução não será televisionada*. Direção: Kim Bartley e Donnacha O'Briain. Produção: David Power, 2003. 1 DVD.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BOTERO, Jorge H. *Telesur será independente sempre, neutra jamais* in: *Agência Carta Maior*. 2005c. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=3562 Entrevista concedida a Dario Pignotti. Acesso em 05 jun. 2008.
- ENNE, Ana Lúcia. *Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa* in: BARBOSA, Marialva (org.). *II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho* (GT Jornalismo). Florianópolis: 15 a 17 de abril de 2004.
- LEMOINE, Maurice. *Os Laboratórios da Mentira* in: *Le Monde Diplomatique*. Disponível em www.diplo.uol.com.br/2002-08,a401. Acesso em: 12 jun. 2008.
- MARINGONI, Gilberto. *A Venezuela que se inventa: poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- MORAES, Dênis de. *A batalha da mídia na América Latina*. 2009c. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=5127. Entrevista concedida ao Observatório do Direito à Comunicação. Acesso em 12 mar. 2010
- PAMPLONA, Marco A. *A questão nacional no mundo contemporâneo* in: REIS,





FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). *O Século XX. Volume 3 – O tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PETRAS, James F. *Armadilha neoliberal: e alternativas para a América Latina*. São Paulo: Xamã, 1999.

SALÖ, Freja; TERENIUS, Elisabeth. *Telesur – “Tele-Chávez” or the public service of Latin America?* Estocolmo, 2007.

TELESUR. Disponível em: www.telesurtv.net. Acesso em: 5 mai. 2008.

Notas

¹ Esse termo não é usado para a colonização brasileira, mas o manteremos por não ser o Brasil foco do nosso estudo, assim como não fora a Anderson.

² A nova política de gestão da empresa estatal petrolífera venezuelana PDVSA, com maior controle do Estado e redistribuição dos lucros tem atuação fundamental na construção da Telesur, já que parte dos investimentos iniciais para montar empresa televisiva foi financiada por investimentos da PDVSA (SALÖ e TERENIUS, p.34).

³ Duas boas análises do papel da mídia e as manipulações no golpe de 2002 estão no artigo *Os Laboratórios da Mentira*, de Maurice Lemoine (disponível em <http://dipl.uol.com.br/2002-08,a401>. Acesso em: 23 mar. 2008) e no documentário *A Revolução Não Será Televisionada*, dirigido pelos irlandeses Kim Bartley e Donnacha O'Briain.

